

## A TRANSFERÊNCIA NA CLÍNICA PSICANALÍTICA

Karina de Oliveira Fialho<sup>1</sup>, Karina de Araújo Ferreira<sup>2</sup>, Luciana Cavalcante Torquato<sup>3</sup>

**Resumo:** O conceito de transferência parte, primordialmente, do pressuposto pelo qual Freud credits que todo sujeito possui, devido experiências vivenciadas na infância em conjunto a disposição inata, um modo singular de conduzir sua vida amorosa, resultando em uma espécie de “clichê estereotípico” que é regularmente repetido ao longo de sua vida. Objeto de tamanha importância, ainda se faz como condição preliminar para o estabelecimento do tratamento psicanalítico. O presente artigo tem como objetivo promover uma discussão acerca do manejo da transferência. Para isso, parte-se do rastreamento do conceito de transferência em Sigmund Freud e de comentadores contemporâneos que contemplam um arcabouço considerável sobre a temática dentro da perspectiva do pai da psicanálise e da clínica lacaniana em sua releitura em Freud. Apreende-se que, na clínica psicanalítica contemporânea, o sujeito só passará pelo processo analítico e obterá seu fim caso consiga passar pela sequência dolorosa de transferência dando continuidade em seu tratamento, processo entendido como a “travessia da fantasia”.

**Palavras-chave:** Psicanálise, clichês, dinâmica transferencial.

### Introdução

Na segunda década do século XX, passados alguns anos do marco da criação da psicanálise por Sigmund Freud – notadamente a publicação do texto *A interpretação de Sonhos*, de 1900 -, o psicanalista registra e divulga uma série de textos sobre a prática clínica a partir de sua disciplina, textos que ficaram conhecidos no

---

<sup>1</sup> Graduanda em Psicologia – FAVIÇOSA/UNIVIÇOSA. e-mail: kharinafialho@gmail.com

<sup>2</sup> Graduanda em Psicologia - FAVIÇOSA/UNIVIÇOSA. e-mail: karinaaraujo.psi@gmail.com

<sup>3</sup> Docente do curso de Psicologia – FAVIÇOSA/UNIVIÇOSA. e-mail: lucianatorquato.psi@gmail.com

meio psicanalítico como “Artigos sobre técnica”<sup>4</sup>. Freud se detém em uma questão fundamental, pedra de toque da clínica psicanalítica, a dinâmica da transferência em análise. A fundamentação teórica que enseja essa dinâmica é a de que o ser humano, pela ação conjunta de disposição inata e experiências vividas na infância, estabelece um modo particular de conduzir sua vida amorosa, resultando em uma espécie de “clichê estereotípico” que é regularmente repetido ao longo de sua vida. Dessa forma, quando a necessidade de amor não é completamente satisfeita pela realidade, este se repetirá com um Outro com expectativas libidinais, podendo se repetir também com o analista (FREUD, 1912). Essa busca por amor, por ser amado, relaciona-se à transferência que se articula com o modo como a demanda de amor será acolhida, conduzida, tratada e desmontada na experiência psicanalítica.

A transferência está presente em todas as relações e, por esse aspecto, ela não se difere do que se passa no amor - e na análise isso não passará despercebido - contrariamente, por revelar-se como uma via de atualização das motivações inconscientes, atuando como ferramenta do qual o psicanalista poderá utilizar para fazer a intervenção, para tanto é fundamental que o mesmo saiba em que lugar está sendo colocado pelo analisando. A partir desse estabelecimento que também se levantará a hipótese diagnóstica que o orientará no manejo clínico (MAURANO, 2006). Posto isso, o presente artigo tem como objetivo discorrer sobre o percurso do conceito de transferência na obra psicanalítica, perpassando por Freud à comentadores contemporâneos.

## Material e Métodos

Parte-se do rastreamento do conceito de transferência em Sigmund Freud, sobretudo a partir das indicações de Roudinesco e Plon (1997) a respeito da trajetória deste conceito na obra do

<sup>4</sup>Artigos sobre técnica, dizem respeito a artigos como: o uso da interpretação dos sonhos (1911); a dinâmica da transferência (1912); recomendações ao médico que prática à psicanálise (1912); o início do tratamento (1913); recordar, repetir e elaborar (1914) e observações sobre o amor de transferência (1915), produzidos por Sigmund Freud entre as datas 1911-1915, contemplando postulações acerca da metodologia geral da psicanálise.

psicanalista. Destaca-se que se trata, esse dicionário, de um documento importante para indicação de terminologia básica para a psicanálise freudiana. Além disso, considerou-se pertinente considerar o levantamento bibliográfico sugerido por Denise Maurano em seu texto “A transferência” (2006), em que a psicanalista organiza uma seção de revisão do conceito para a psicanálise. A partir dessa consideração, são selecionados para análise os textos A dinâmica da transferência (FREUD, 1912), Recordar Repetir e elaborar (1914), além do texto O manejo da transferência (MEIRELLES, 2012) e do livro Como se trabalha um psicanalista (NASIO, 1999), de comentadores contemporâneos, textos que contemplam um arcabouço considerável sobre a temática dentro da perspectiva de Freud e da clínica lacaniana em sua releitura do pai da psicanálise.

Neles, observa-se a construção do tema da transferência em sua articulação com o andamento da clínica psicanalítica. A análise desse conceito parte, portanto, de revisão bibliográfica, com tratamento conceitual a partir dos próprios termos da psicanálise freudiana.

## **Resultados e Discussão**

De acordo com Freud (1912), diante da impossibilidade de satisfação plena de suas necessidades amorosas, o sujeito inevitavelmente se dirigirá a um outro portando essas suas expectativas libidinais, configurando, portanto, uma tentativa de suprir, completamente, essa frustrada necessidade de amor. Para essa ação, as duas partes da libido, tanto a consciente quanto inconsciente, cooperam. O que Freud aponta é que esse movimento em direção a um outro, que se figura como objeto receptáculo do investimento libidinal, também se dirige ao analista. Em outras palavras, o investimento se vincula a um dos clichês típicos da história do sujeito, tendo o analista como um dos objetos de amor a entrar nessa série. É importante ressaltar que esses clichês estão associados a uma imago, podendo ser materna, paterna, fraterna. O analista, portanto, entra como uma encarnação dessa imago. É nesse sentido que pode-se entender o que Carlos Meirelles (2012)

observa quanto ao vínculo individual que cada sujeito constitui com um analista, ou seja, ele sempre diz respeito a uma relação anterior que esse sujeito possuía de forma inconsciente com o Outro.

Compreende-se que o sujeito repete tudo que possui sua fonte do recalque, o que em algum momento buscou se manifestar, isto é, seus bloqueios, comportamentos, traços patológicos. O paciente repetirá todos os seus sintomas no decorrer do seu tratamento. Portanto, o estado do paciente, deve ser entendido não somente como algo do seu contexto histórico, mas como algo atual. A partir disso, assimila-se que a condição de doente do sujeito se voltará para seu processo analítico e durante esse momento, no qual o paciente vive seu sintoma como algo real e atual, o analista deve agir conforme sua base epistemológica, realizando uma condução dessa repetição a fases anteriores. Posto isso, apreende-se que a maneira fundamental para se conseguir transferir a compulsão à repetição a uma recordação é o manejo da transferência. Quando o sujeito se encontra disposto a realizar essas tarefas básicas para o tratamento, é possível fornecer um novo sentido de transferência para todos os sintomas, em que há uma substituição da neurose ordinária para uma neurose de transferência, pois assim esse poderá obter uma cura por meio do tratamento analítico (FREUD, 1914).

Sobre essa dinâmica transferencial na clínica, Nasio (1999) postula que há determinadas fases no processo analítico, incluindo momentos fecundos do que entende como transferência dolorosa. Nesse momento, o analista passará a ocupar a posição do objeto que está no centro do núcleo do Eu, abandonando assim a posição de interlocutor. Assim, nessa fase de sequência transferencial, é preciso que o analista silencie, mas esse silêncio diz respeito a um silêncio-em-si para que dessa maneira apareça o Grande Outro. Amparado na perspectiva lacaniana da clínica, Nasio observa que, nesse momento doloroso de transferência, é necessário que a pulsão gire em torno do analista e depois volte para o sujeito.

Esse objeto em torno do qual gira a pulsão, entendido como o analista, refere-se a um furo envolto pelo véu do falo imaginário, o que é identificado enquanto desejo do analista, o grande Outro.

Logo, são aspectos que dizem respeito a posição do analista para criar um componente para assim atrair para si a transferência, a pulsão. Consta-se que essa possui várias ramificações para que consiga realizar a ação de se encaminhar até o analista girar em torno e retomar a sua fonte, além de ser necessário haver um corpo real e vivo que a alimente e auxilie para que se mantenha viva. Desse modo, o corpo real do analista é um componente real que alimenta o desejo do analista, ou ainda é como se o corpo real do analista fornecesse subsídios para que esse conseguisse ocupar a posição de desejo, do véu imaginário que envolve o objeto, mas esse corpo além de alimentar a pulsão também se alimenta dela. Frente ao nível da significação, apreende-se que o analista quando passa a ocupar a posição da expressão imaginária do objeto de insatisfação da pulsão institui o lugar simbólico de Sujeito Suposto Saber, termo que, segundo Meirelles (2012), Lacan nos traz para remeter a uma ideia mais avançada do manejo da transferência.

A partir disso, apreende-se que quando há uma alteração da posição de Sujeito Suposto Saber, altera-se a ideia de suposição geral para suposição de saber instituída ao analista. É nesse momento que ocorre uma mudança na relação transferencial, visto que agora há um amor que é conduzido ao saber (MEIRELLES, 2012) ou, conforme Nasio (1999), demandas de amor dirigidas ao grande Outro. Assim, nessa fase, o analisando se silencia por períodos maiores, além de cobrar a fala do analista, o que lhe fornece outra recusa (segunda recusa). Desse modo, é a partir da segunda recusa que o Eu do paciente se identifica com o falo imaginário, uma vez que ao demandar o falo obteve a recusa assim se decepciona e logo se identifica com o falo, tornando-se o falo que lhe foi negado. Sendo assim, ele se coloca enquanto o falo imaginário conjuntamente se faz o falo imaginário do grande Outro, não como Sujeito Suposto Saber, mas nesse falo imaginário do grande Outro como Sujeito Suposto Desejo, na qual pretende satisfazer o suposto desejo do analista/grande Outro. Essa identificação do Eu do paciente com o falo imaginário acarreta a passagem da máscara referente à falta no analista para a máscara do ser no paciente. Essa máscara da

falta no analista diz respeito ao véu que cobre o furo da pulsão. Assim, no analisando, há esse furo que é a falta na pulsão, o analista ocupa desse modo à posição de véu que vai mascarar a falta, mas que ao mesmo tempo está separado, dissociado em si mesmo. Por conseguinte, o fim da análise dependerá de se obter êxito na resolução da neurose de transferência, isto é, quando se passa pela sequência dolorosa de transferência e possui continuidade no processo até o seu fim entende-se que ocorre a travessia da fantasia.

### **Considerações Finais**

O conceito de transferência, primordialmente parte do pressuposto pelo qual Freud credits que todo sujeito possui, devido experiências vivenciadas na infância em conjunto a disposição inata, uma maneira singular em se relacionar com os outros, ou ainda conduzir sua vida amorosa. Contudo, estudiosos contemporâneos contribuíram significativamente para uma readaptação do conceito de transferência, incrementando a noção de Sujeito Suposto Saber, na qual entende-se que no centro da instância do Eu encontra-se o objeto da pulsão, sendo esse o lugar pelo qual o analista deve ser inscrito enquanto o véu do falo imaginário, aquele que mascara a falta que há no objeto da pulsão. A partir disso, apreende-se que na clínica psicanalítica contemporânea, o sujeito só passará pelo processo analítico e obterá seu fim, caso consiga passar pela sequência dolorosa de transferência dando continuidade em seu tratamento, o que é identificado enquanto o processo de travessia da fantasia. Por conseguinte, esse sujeito será capaz de encontrar melhores condições para enfrentar seu falta-a-ser, o objeto da pulsão, existente em sua estrutura, na qual sempre houve uma busca para preenchê-la.

### **Referências Bibliográficas**

FREUD, Sigmund. A dinâmica da transferência. Vol 12. São Paulo: **Companhia das Letras**. 2010. 1912. p. 101.

\_\_\_\_\_. Recordar, **Repetir e Elaborar**. Vol 12. São Paulo: Companhia das Letras. 2010. 1914. p. 151-153.

NASIO, J.-D. **Como trabalha um psicanalista?**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999. p. 67-88.

MAURANO, D. **A transferência**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006. Coleção Psicanálise, Passo a Passo. 78p.

MEIRELLES, C. E. F. O manejo da transferência. **Stylus** (Rio de Janeiro), n. 25, p. 123-135, 2012.

PLON, M; ROUDINESCO, E. **Dicionário de psicanálise**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Obra original publicada em 1997), 1998.